



FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS: A PRÁXIS PEDAGÓGICA NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Continuing training of teachers pedagogical practice in the amazona context

Thalison Ramon Fernandes Lima¹

Lucilene Pacheco Santos²

Adriana Ferreira Barbosa Silva³

Resumo

O presente trabalho é um relato de experiência que evidencia aulas de Filosofia na Praça, a partir da Formação Continuada com um Projeto de Aprendizagem desenvolvido na trajetória formativa teórica/prática de um professor de Filosofia do interior do Amazonas em Nova Olinda do Norte. A Oficina de Formação em Serviço (OFS), é uma parceria Secretaria Municipal de Educação de Manaus (Semed) e a Universidade Estadual do Amazonas (UEA) que no tripé ensino, pesquisa e extensão realizou a Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, no chão da escola. Pelo viés filosófico, trazemos ao debate que a formação continuada dos/as professores/as precisa ser democratizada, e as universidades públicas necessitam ampliar investimentos na interiorização dos cursos de pós-graduação de modo a garantir o direito à formação continuada enquanto uma política pública educacional que visa a melhoria das práticas pedagógicas de ensino para o alcance aos melhores resultados no processo de ensino-aprendizado dentro e fora da escola. Sendo a educação, elo de conexão entre o saber científico, saber prático e experiências de cada sujeito, destacamos que a formação continuada para professores/as precisa da sala de aula, ou seja, o chão da escola para valorização do mosaico cultural coexistente no Amazonas. Concluímos com o princípio dialógico teórico/prático oferecido nos estudos proporcionados pela OFS, que transformou aulas de Filosofia do Ensino Médio em verdadeiras experiências filosóficas e científicas a estudantes protagonistas do/no pensar/fazer crítico, político e filosófico. Sublinhamos que a Formação Continuada, especialmente a professores/as interioranos/as é uma experiência

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM, especialista em Filosofia da Educação pelo Instituto de Educação Digital e Híbrida- ETHOS, Concluinte do curso de Pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação docente pela Universidade Estadual do Amazonas/UEA. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americano-UNILA. Professor de Filosofia da Secretaria Estadual de Educação do Amazonas-SEDUC no Município de Nova Olinda do Norte/Am thalisonf13@gmail.com

² Orientadora, Mestre em Educação. Professora pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/Semed/Manaus lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

³ Coorientadora – Escritora amazonense, Especialista em Docência da Educação Básica/UFAM, membro do LEPETE/UEA/CNPq, professora formadora da SEMED/Manaus. dricafbs@yahoo.com.br



transdisciplinar que traz à baila múltiplos cotidianos escolares que se embrenham aos desafios para professores/as de lugares longínquos no Estado do Amazonas.

Palavras-chave: Formação Continuada; Filosofia; Docente.

Abstract

The present work is an experience report that highlights Philosophy classes in square, based on Continuing Training with a Learning Project developed in the theoretical/practical training trajectory of a Philosophy teacher from the interior of Amazonas in Nova Olinda do Norte. The In-Service Training Workshop (OFS), is a partnership with the Municipal Department of Education of Manaus (Semed) and the State University of Amazonas (UEA) which, in the tripod of teaching, research and extension, carried out the Postgraduate Course in Project Management and Training Teacher, on the school floor. From a philosophical perspective, we bring to the debate that the continued training of teachers needs to be democratized, and public universities need to increase investments in the internalization of postgraduate courses in order to guarantee the right to continued training as a public educational policy which aims to improve pedagogical teaching practices to achieve the best results in the teaching-learning process inside and outside the school. Since education is the connecting link between scientific knowledge, practical knowledge and the experiences of each subject, we highlight that continued training for teachers needs the classroom, that is, the school floor to value the cultural mosaic that coexists in Amazonas. We conclude with the theoretical/practical dialogical principle offered in the studies provided by the OFS, which transformed High School Philosophy classes into true philosophical and scientific experiences for students who are protagonists of/in critical, political and philosophical thinking/doing. We emphasize that Continuing Training, especially for teachers from the interior, is a transdisciplinary experience that brings to the fore multiple school routines that delve into the challenges faced by teachers from distant places in the State of Amazonas.

Keywords: Continuing Training; Philosophy; Teacher.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A descrição da trajetória formativa teórico-prática se construiu, a partir de pequenos episódios e experiências na minha vida de educador. Histórias que vão se assemelhando a de outros educadores que buscam melhorar as práticas pedagógicas mesmo diante dos inúmeros desafios encontrados, sejam pessoais ou profissionais. Queremos chamar a atenção ao fato e necessidade de que é mister olhar para a formação dos/as professores/as, levando-se em consideração a particularidade sociocultural em que cada um está inserido e a formação continuada deve ser reflexiva



a partir da docência para contribuir com o ensino-aprendizado dentro e fora da sala de aula na ação-reflexão-ação do contexto cultural da comunidade escolar.

Eu, Thalison Ramon Fernandes Lima, formado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM, tive o privilégio de ingressar, por meio de seletivo, na modalidade de ampla concorrência no curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, oferecido pela Universidade Estadual do Amazonas-UEA. Quando fiquei sabendo do seletivo da especialização, busquei na internet a ementa do curso e, para minha surpresa, contemplava com mais intensidade tudo o que eu acabava de debater no Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da UFAM, com o tema *A formação do professor de Filosofia na Amazônia: Relato de experiência de uma práxis pedagógica vivida no PIBIC, PIBID e residência pedagógica*. Era a oportunidade ideal para melhor aprofundamento na temática, já que o currículo da especialização vinha trazendo disciplinas que me colocaram diante de indagações e curiosidades: O que é? O Cotidiano e as Culturas escolares? Gestão de Projetos e o Currículo Escolar? Oficina de Projetos? Oficina de Formação Programadas? Os Projetos de Aprendizagem/ Projetos de Gestão? Foi um encantamento curricular.

Há dois pontos do curso que me deixaram embevecido por completo: o primeiro é que se trata de um curso predominantemente dirigido por mulheres, de uma sensibilidade humana e pedagógica que contagia, e motiva e o outro que é um curso dividido em Formação Inicial de Professores e Formação Continuada. O mais interessante é que ele funciona em uma modalidade diferenciada, posso até dizer que é uma especialização de chão de escola ou, melhor dizendo, é uma especialização que ora caminha em terra firme, ora navega pelo rio Negro e rio Madeira, promovendo integração entre a escola urbana, a escola rural, a escola indígena e a escola do campo.

Ao olhar para a trajetória do curso, fico com os olhos brilhando e pensando: como podem essas professoras mesmo sem saber nadar, se lançarem em uma



voadeira e se colocarem a navegar educando? Imagino que é o mágico, o mítico, a realidade, as projeções e tantos outros movimentos internos sobre os quais não temos controle e que motivam a fazerem Escolas nas Escolas. Uma vez eu li um livro intitulado de ***O mestre Inventou: Relato de um Viajante Educador***; será que elas leram esse livro também?

Tal inspiração literária remete ao que falo sobre este curso de pós-graduação no chão de escola, porque faz o inverso, ou seja, transforma a escola em universidade, denominada de universidade-escola, melhor dizendo, Oficina de Formação em Serviço (OFS), que funciona na própria escola, fazendo o professor/a sentir-se novamente estudante. Nos dias da aula da Pós-Graduação os/as Assistentes à Docência⁴ - AD, estudantes de diferentes licenciaturas em formação inicial, assumem a regência e os/as professores/as denominados de *cursistas* entregam suas salas de aula e usufruem, no chão da escola, da condição de estudantes.

É esse ciclo que torna a Pós-Graduação em Projetos e Formação Docente um projeto ousado e transformador, ou melhor dizendo, é um ensaio sobre ensaio, é uma experiência filosófico-pedagógica com todas as letras. É uma vivência que possibilita transformação no modo de vermos o mundo, que provoca mudança de ritmo, de caminho, de paisagem. Uma experiência de vida que impede seguirmos pensando como pensávamos, vivendo como vivíamos. Uma vida que se encontra com outra vida e a chama a recriar-se, reinventar-se (Kohan, 2013).

CAMINHOS DA FORMAÇÃO DOCENTE...

Quando Paulo Freire (1996) define que somos sujeitos sócio-histórico-culturais, leva em consideração que somos formados por histórias, sentimentos e sensações,

⁴ Os/as AD fazem parte do Projeto Assistência à Docência (PAD) foi criado em 2011, uma estratégia de aproximação entre a universidade do Estado do Amazonas (UEA) e a Escola na Articulação Formação Inicial e Formação Continuada de professores (as) de professores/as das escolas da rede municipal de educação de Manaus/Amazonas e assumem as salas de aula enquanto os/as docentes assistem às aulas da pós.



quer dizer que somos continuidade de uma caminhada que vem nos transformando e nos mudou no que somos hoje e no que seremos amanhã. E é nesse contexto que defino a minha formação docente, como uma história que se construiu em pequenos episódios que me conduziram até minha vida à docência. Destino? Não sei, mas o destino é um acaso, e a minha vida, minha trajetória não foram um acaso, mas pura construção subjetiva do querer ser um educador.

Pequenos episódios podem mudar a vida de uma pessoa e, por meio dela, a vida de muitas outras (Kohan, 2013). O meu caminhar rumo à docência tem início ainda na minha adolescência, porque eu sempre flagrei minha mãe, acordada no meio da noite, preparando material para a aula do dia seguinte, à luz de lamparina – “um hábito que carrego até hoje”. No dia seguinte, eu acordava cedo e ia tomar banho de rio no Rio Urariar e seguia cheio de curiosidade para saber o que havia elaborado para as aulas.

Era tudo construído manualmente, uma sala colorida, animada, tinha poemas, contos de fadas com príncipes, princesas e castelos, um cenário encantador. Quando terminei o ensino fundamental 1, necessitei mudar de escola para cursar o ensino fundamental 2, e todos os dias eu passava mais de duas horas dentro de um barco para ir e voltar da escola. Até a 9ª série, minha caminhada de estudante foi navegando, rotina que se repetiu no processo da formação continuada, já que, por força do destino, comecei a lecionar no município de Nova Olinda do Norte e as aulas da pós-graduação eram realizadas em Manaus. Assistir às aulas da pós foi uma via sacra já que eu necessitava todo o mês viajar para Manaus, e algumas viagens foram feitas de barco, outras, de lancha.

Depois migramos para Nova Olinda do Norte, onde fiz o ensino médio. Como sempre gostei de ensinar e já tinha certa aptidão, fui convidado a ser professor de catequese durante o período de três anos, tempo suficiente para me encantar por teologia e filosofia. No final do terceiro ano do ensino médio, optei em cursar Filosofia,



sendo aprovado no vestibular da Universidade Federal do Amazonas, mas mais uma vez tive de migrar.

No início da graduação, fui convidado a participar de uma palestra na UEA, do professor e filósofo Walter Omar Khan, o qual me motivou a visualizar o ensino de Filosofia como um problema filosófico; em outra oportunidade fui presenteado com um exemplar do livro “Filosofia em Sala de Aula”, da professora filósofa Lídia Maria Rodrigo, publicado em 2009, e, com essa bagagem, escrevi o projeto de pesquisa para o PIBIC intitulado *Proposta curricular de Filosofia para o ensino médio, da Secretaria de Educação do Amazonas: análise à luz das Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, que recebeu o número de submissão PIB-H/0096/2018; depois no PIBID, a partir do pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), desenvolvi o projeto: *Violências simbólicas na sala de aula: como identificar e prevenir?* E, na Escola Estadual Ruy Araújo, durante a Residência Pedagógica: o subprojeto de Filosofia proporcionou uma rica e avassaladora experiência em sala de aula e provocou a problemática para a minha dissertação de mestrado: “Educação sem limite: Desafios para inclusão de imigrantes venezuelanos nas escolas públicas do município de Manaus-AM”. Tudo isso, consolidou-se e ganhou força epistemológica nas aulas e encontros proporcionados pela Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente no Projeto OFS.

Estamos demonstrando que as formações inicial e continuada devem levar o/a professor/a ao caminho da ciência, que a sala de aula é um “lócus” de pesquisa e de encontros. Devemos superar o fazer docente simplista e incentivar na formação de professores/as pesquisadores/as, pois, se de fato queremos ruptura com o método tradicional de ensino é necessário investir na docência um recurso humano reflexivo sobre o pensar e o fazer da sala de aula um espaço de construção de conhecimento, um espaço científico.



OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO AMAZÔNICO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Pensar o processo de formação continuada no contexto amazônico é um tanto desafiador, e necessita ser sobrepujado se quisermos, de fato, construir a tão sonhada educação de qualidade. Neste sentido, as universidades públicas: Universidade Estadual do Amazonas (UEA) e a Universidade Federal do Estado do Amazonas (UFAM), carecem na ampliação das Pós-graduações para professores/as interioranos/as democratizando a formação continuada.

Em uma pesquisa realizada pelos pesquisadores Thalison Ramon Fernandes Lima e Marcelo Augusto Rocha (2022), estes identificaram que professores de uma referida escola da rede estadual do Amazonas, localizada no município de Nova Olinda do Norte, apresentavam dificuldades em debater questões sobre a educação multicultural, ou seja, não percebiam a escola como um microcosmo social e acabavam não dinamizando e valorizando a ecologia de saberes presente na sala de aula.

Diante da disparidade identificada nas respostas do questionário notou-se que cada professor parte de uma concepção educacional (até aí tudo bem), a preocupação que surge a partir disso, é a fragilidade da educação intercultural entre os professores da Educação básica, mesmo com todas as orientações e respaldos em diversos documentos e Leis relacionadas à educação intercultural. As distintas formas como os (as) professores veem a questão, não havendo concordância geral em nenhuma das questões realizadas, corrobora com pesquisa como a de Candau, no distante ano de 1998 evidenciando que pouco foram os avanços em relação a forma como o tema é tratado nas salas de aula no país (LIMA e ROCHA, 2022, p. 283).

Estamos chamando a atenção ao fato de que, para mudar a concepção educacional e avançar na construção de uma educação libertadora, é fundamental proporcionar, aos professores, uma formação continuada que os conduza a perceber a sala de aula como um espaço plural. Pensar a educação no contexto amazônico



requer, antes de mais nada, ter a consciência de que a fazer educação tem de ser diferente; além do caderno, da caneta e do quadro, é necessário, a cuia, o remo, o cocar a canoa e tantos outros recursos pedagógicos simbólicos na cultura interiorana ribeirinha amazonense.

A realidade do Amazonas deve ser levada em consideração quando se trata do assunto Formação Inicial e Continuada de Professores. A imagem a seguir nos apresenta, uma realidade complexa, vivida pela extrema seca⁵ no Amazonas neste ano de 2023. Que não pode ser desconsiderada ao suscitamos essas problemáticas: Como trabalhar em uma realidade que metade do ano é de cheia dos rios e a outra metade, de seca intensa? Como esse fenômeno atinge os alunos e sua rotina escolar? Quais as dificuldades encontradas pelos alunos, tanto na cheia quanto na seca, para chegarem à escola? Diante a tantos questionamentos demonstramos nossa realidade educacional amazônica no Lago do Tarumã Mirim, localidade da Escola Dian Kelly Mota do Nascimento, onde por opção solicitei transferência de escolas para assistir as aulas da pós-graduação

Figura 1 - Estiagem no Lago do Tarumã-Mirim Manaus/Amazonas em 2023



Fonte: Adriana Barbosa (2023)

⁵ Atualmente em 15/10/2023 temos 58 municípios do Amazonas em estado de calamidade e/ou de emergência. O ápice da estiagem vai até meados de novembro. A Semed/Manaus antecipou o encerramento do ano letivo do dia 17/10/2023 para o dia 04/10/2023 nas escolas ribeirinhas Rio Negro, por causa da seca histórica que inviabiliza a ida de estudantes e professores/as para as escolas.



Compreender essa especificidade e pensar o currículo formativo dos professores, para que eles percebam que essa realidade influencia no cotidiano escolar, é peça chave e primordial para se construir uma educação de qualidade e significativa nesse imenso Amazonas. É necessário se formar professores, fazendo com que eles percebam a escola como um espaço em que coexistem inúmeras comunidades, hábitos, crenças e culturas. Esses fatores devem ser levados em consideração, por isso a urgência da oferta de cursos de aperfeiçoamento e de formação continuada para que os paradigmas tradicionais dentro das escolas sejam quebrados e os professores tenham habilidades de visualizar a sala de aula, ou melhor dizendo, o espaço escolar como um espaço multicultural e pluriétnico.

O que chama a atenção na pesquisa realizada pelos pesquisadores sobre a visão dos professores a respeito do multiculturalismo é o fato de apenas 25% consideram trabalhar a educação a partir de uma perspectiva multicultural, 25% pensam a sala de aula como um espaço multicultural e 31% estão dispostos a trabalhar as suas aulas empregando uma perspectiva multicultural, e 19% contemplam no plano de aula a referida temática.

O desafio da educação nesse contexto amazônico segue esse rumo, e a formação inicial nos dá uma base teórica importante, porém não nos prepara para atuar em contextos de natureza multicultural. Por exemplo, em um município do interior do Amazonas e até nas escolas da capital, é possível observarmos imigrantes haitianos, venezuelanos indígenas e não indígenas, indígenas brasileiros compartilhando o mesmo espaço escolar. Como lidar com essa realidade? Hoje, a formação dos professores, tanto inicial quanto continuada, necessita levar em consideração essas múltiplas coexistências dentro e fora da sala de aula. Os alunos são histórias, e, na maioria das vezes, essas histórias são construídas fora do contexto



escolar, cabendo, à escola, preparar o espaço, com professores preparados para atuar nesse contexto de coalizão e interação entre diversos saberes e realidades.

E é nesse contexto que se destacam as universidades, vistas como as principais articuladoras junto às secretarias de educação do estado e municípios, para juntas, oferecerem formação continuada aos professores em exercício. E a Universidade do Estado do Amazonas, em parceria com a Semed/Manaus/Am, realiza a pós-graduação com o curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente/UEA. Nessa especialização, as aulas acontecem dentro das escolas, no mesmo horário de aula dos/as estudantes e ao mesmo tempo os/as cursistas docentes, servidores/as das escolas municipais e estaduais que fazem parte do Projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS) facilitam o acesso dos docentes às formações continuadas; melhor dizendo, democratizar é a única forma viável para alcançar melhores e positivos resultados na educação.

A caminhada rumo ao grau de especialista foi um tanto difícil, uma complexidade que faz parte da realidade amazônica, principalmente pelo fato de a maioria dos cursos se localizar na capital amazonense, Manaus. Estou querendo chamar a atenção ao fato de que a formação continuada é uma ação que recai sobre o próprio educador, já que a Secretaria de Educação, e isso não é uma realidade somente do Amazonas, não disponibiliza condições adequadas para que os professores continuem buscando conhecimento teórico-práticos para aperfeiçoarem sua prática na sala de aula. Com as minhas aulas da Pós na capital Manaus, eu no exercício da docência em Nova Olinda do Norte, a cada 15 dias pegava o barco, viajava por quatro horas e chegava em Manaus às 4 h da manhã e às vezes passava o dia no barco quando as aulas era noite na turma do Cemeja Professor Samuel Benchimol. Depois de algum período nessa jornada optei pela transferência e o término da pós-graduação foi na turma da Escola ribeirinha de Tempo Integral Dian Kelly Mota Nascimento (aulas no diurno).



CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA

O processo de ensino-aprendizado contemporâneo vem exigindo dos educadores abordagens didáticas pedagógicas diferenciadas, com habilidades de desenvolver nos educandos as capacidades crítico-reflexivas destes, conduzindo-os ao protagonismo educacional e à autonomia intelectual dentro das possibilidades do ensino médio. Pensando, a partir da importância da formação crítico-reflexiva dos educandos, na superação das metodologias tradicionais,

O presente trabalho se sustenta na Metodologia Ativa, que coloca o alunado como sujeito ativo ante o ensino-aprendizado, buscando ressignificar tanto a formação cidadã quanto a intelectual de todos os envolvidos. Em paráfrase a Paulo Freire (1987), é fundamental colocar os educandos como protagonistas no processo de ensino-aprendizado e, com isso, ir despertando neles as curiosidades epistemológicas. Diante da realidade da sala de aula, objetivamos com o trabalho construir uma relação pautada no diálogo, levando estudantes a perceber que o conhecimento deles também é importante e que eles podem contribuir no processo educacional até porque “o diálogo é uma exigência existencial” (p. 79). A partir disso, a proposta do Projeto de Aprendizagem buscou principiar os educandos na iniciação científica no EM a partir do Arco de Charles Maguerez (Berbel NAN, 1998), que se desdobra em cinco etapas que acontecem a partir da realidade social e intelectual dos educandos: a observação da realidade, a teorização, as hipóteses de solução e a aplicação à realidade.

O trabalho se desenvolveu levando em consideração as cinco etapas: 1º) organização na sala de aula dos grupos com apenas cinco componentes; 2º) escolha do tema por cada grupo, a partir de assuntos referentes à disciplina de filosofia trabalhados em sala de aula, e o tema escolhido foi consenso entre todos alunos do



grupo; 3º) estudo teórico e levantamento de dados sobre o tema escolhido, textos, filmes e explicação pelo professor, quando solicitada pelos grupos; 4º) construção de painel e atividades para exposição, ensaios etc.; e última e 5ª etapa, a exposição dos estudos e pesquisas dos trabalhos construídos pelos alunos em atividade pública em uma praça pública do município de Nova Olinda do Norte. O eixo central do projeto foi ação-reflexão-ação que busca reinventar a trajetória do processo de ensino-aprendizagem, cujos objetivos são estimular a curiosidade e despertar a atitude investigativa e o desempenho dos educandos na sala de aula.

O desenvolvimento do projeto de aprendizagem em sala de aula deve ser um espaço de diálogo plural e aberto, respeitoso e variado, visto que, dessa maneira, a caminhada e imersão dos alunos no mundo acadêmico acontecerão de maneira espontânea. A sala de aula não é espaço para a transmissão de conhecimento. Ao contrário, é um terreno fértil para semear conhecimento e colher aprendizado, ao estimular o diálogo e o debate em uma relação fecunda, criativa e autônoma.

A partir desse ideal criativo, descrito no Projeto de Aprendizagem, “**Filosofia na Praça: mostra de aprendizagem de Filosofia**”, foi construído em total colaboração dos estudantes em uma ação coletiva, nasceu da necessidade e do interesse deles/as no protagonismo do processo de ensino-aprendizado. A ideia para contribuição como mudança de pensamento sobre sociedade arraigado no pensar filosófico que articula saberes e a curiosidade no Filosofia na Praça. Porém, para alcançar tal objetivo, foi essencial mudar as práticas pedagógicas, da mesma maneira que o educador deve mudar a si mesmo, e foi o que aconteceu.

SALA DE AULA A MAIÊUTICA NO ENSINO-APRENDIZAGEM

O professor deve estar na sala de aula e buscar transformar esse espaço em um espaço de todos. Sabemos que não é fácil proporcionar a integração desse mosaico cultural que é a realidade amazônica, e a questão que se destaca é: Como



fazer essa integração? Parafraseando Omar Walter Kohan (2013), é necessário criar as condições, para que todos possam criar e recriar suas vidas e as de todos, e a sala de aula é o espaço em que os professores devem incentivar os alunos a ser, na vida, iniciadores, criativos, transformadores e autônomos. Mas, para isso, é mister fazer uma escola com todos e para todos na formação integral do sujeito.

A Imagem 2 a seguir retrata exatamente esse fazer pedagógico diferente na sala de aula, compartilhado entre alunos/as e professor nas aulas de Filosofia da Escola de Tempo Integral Professora Rosaria Marinho Paes. A imagem retrata o esforço dos alunos para darem vida ao projeto “Filosofia na Praça: mostra de aprendizagem”, que foi idealizado em sala de aula e ganhou vida ao longo do ano letivo de 2022, com estudos teóricos, debates, conversas textos escritos. Deste modo, perceberam a concepção de uma atividade projeto/aprendizagem pensada elaborada e realizada por eles/elas (estudantes) onde o que realmente foi apresentado a comunidade externa a escola, os visitantes na praça foram os saberes filosóficos que fez pensar: Qual o sentido da Caverna de Platão na praça? A praça nas cidades interioranas em geral tem um significado muito simbólico que é de reunir jovens ao final da tarde para o anoitecer para encontros de conversas.



Figura 2 - Construção da Caverna de Platão



Fonte: Lima, 2023

A realização do projeto teve inteira relação com a Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, em que fui reconstruindo minha identidade de professor e percebendo que é possível fazer educação de forma diferente, dialógica com a participação dos estudantes. A dinâmica de buscar por formação pedagógica que venha proporcionar melhorias na qualidade de ensino é um ato pessoal de cada professor/a que necessita, muitas vezes, gastar do seu próprio bolso e abdicar do seu tempo para realizar uma formação que beneficiará principalmente a sociedade, a sala de aula e os alunos que nela se encontram e se integram. Com mais de dois anos de Seduc/AM, esta nunca ofereceu um curso de formação continuada ou formação pedagógica para atualização na sala de aula dos professores, isso mostra o quanto a formação continuada dos professores em exercício é deficitária e reflete na qualidade da educação.



Os/as professores/as são esquecidos/as nas escolas, com a única obrigação de produzirem índices para o governo; estou a acreditar que os baixos índices que as escolas alcançam é um projeto político, parece que é isso que sustenta a educação pública no Amazonas. Não percebo uma única iniciativa para elevar a qualidade de ensino da rede. Muitos são as propostas, as normativas, os documentos orientadores e os investimentos de que ouvimos falar na televisão e nas propagandas de rádio, que nunca chegam na escola. O/a professor/a compra notebook, projetor, pincel, papel e todo o seu material de trabalho e por conta própria cria perspectiva na vida dos alunos, ou seja, coloca-os na condição de protagonistas, como veremos no registro (Figura 3) a seguir em que os alunos construíram uma aula sobre a gestão da modernidade utilizando fotos que deixaram o assunto fácil de ser compreendido a partir da troca de diálogos.

Figura 3 - Aula elaborada e ministrada por estudantes



Fonte: Lima, 2023



Estou querendo dizer com essas imagens que meu estar na sala de aula hoje pode ser dividido em antes e depois da Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, já que o saber teórico-prático do curso me levou a questionar “velhos paradigmas do fazer e ser professor diminuindo a distância subjetiva entre teoria e prática” (Prastes, 2012). A principal transformação foi na construção da minha própria identidade profissional, que me levou a concluir que *Eu sou*, e ao mesmo tempo os estudantes também os são, pois, se pensarmos no contexto amazônico, os elementos e questões socioeconômicas, políticas, culturais divergem e fundem-se. Fazendo uso das palavras de Kohan (2013, p. 33), “não se trata de questionar apenas o funcionamento da escola, sua organização, mas acima de tudo, seu papel social, político, seu sentido”. Não podemos continuar aceitando uma escola ou um sistema de ensino que excluem, que fecham suas portas ou que negam o mosaico cultural existente dentro do contexto escolar, e o grande desafio é justamente construir uma escola que reconheça esses aspectos da diversidade.

A escola é o espaço de construir e desconstruir perspectivas para os outros que necessitam, para além de serem inseridos nas escolas, ter verdadeiras condições para se transformarem em cidadãos na vida pessoal e compartilhada. Dessa forma, podemos concluir que o *meu fazer escola* ou o *nosso fazer escola* deve “restituir o que é próprio aos despossuídos: a terra, a cultura, a linguagem, o pensamento, a vida” (Koan, 2013, p.55).

É necessário tirar os alunos da zona de conforto e impulsionar na construir das aulas junto com o professor, que falem, opinem e interajam entre sim. Pensar e fazer diferente, para que os envolvidos (estudantes/docentes/comunidade), percebessem que é mister passarmos por uma radical conversão que nos leve a olhar para o mundo a partir de uma perspectiva integral, ecológica e filosófica. Estou querendo dizer que é fundamental trabalhar na sala de aula para além dos conteúdos, que é necessário



construirmos juntos ao senso comum. Na imagem 04, veremos uma oficina de confecção de fanzine com temas variados.

Figura 4 - Estudantes construindo fanzines



Fonte: Lima, 2023

Falar de todos na sala de aula é perceber que nossos “problemas econômicos, sociais, políticos, culturais, étnicos e espirituais estão de tal forma entrelaçados que juntos poderemos encontrar soluções includentes” (cf. “Carta da Terra”, preâmbulo). Essa conversão que deve começar na sala de aula demandará uma mudança radical de paradigma civilizatório que nos garanta um futuro esperançador para nós e para toda a comunidade (Boff, 2021). Pensar a sala de aula diferente é ter coragem para fazer diferente com estudantes protagonistas do que desejam aprender.



Figura 5 - Maquiavel - a Política e “O Príncipe”



Fonte: Lima, 2023

Nesse contexto, a formação continuada dos professores deve balizar as questões fundamentais para a construção de uma sociedade mais politizada e igualitária. Assim, percebam que a atual sociedade já exauriu suas potencialidades e que não tem mais capacidade de solucionar os problemas que ele mesma construiu, e temos a obrigação de buscar novos rumos, construindo um projeto comum, se quisermos ter um futuro neste pequeno e belo planeta (Boff, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar no mundo é consequentemente fazer história e por ela ser construído, construir cultura, como bem coloca Paulo Freire (2005, p. 58), com isso, ser educador é promover, aos educandos, possibilidades de se construir como sujeitos críticos e políticos.” Buscamos no trabalho Filosofia na Praça, abrir espaço de fala aos educandos sempre no objetivo de construir um diálogo e relações entre o saber e a história do professor com o saber e a história dos alunos, pois foram essas relações que constituíram os pilares de um saber filosófico que modifica as certezas em dúvidas de aprendentes.

“O educador social precisa desterritorializar-se e partir para o encontro com os educandos e com eles elaborar o novo projeto educativo do cotidiano da



aprendizagem, em que ambos são protagonistas e atores sociais” (Gracine, 2009, p. 221). É necessário transformar a sala de aula em um campo de encontros e desencontros, onde o/a professor/a proporcione, aos educandos, experiências educacionais desafiando-os a ampliar o pensamento científico e investigativo, sendo a Filosofia, “amor pela sabedoria” que perpassa pela interpretação dos conceitos de justiça, alienação, democracia, poder, cidadania... entre tantos outros, nas dimensões múltiplas da existência humana, é a escola um desses “oráculos”, para os diálogos na construção da práxis docente/discente com a Filosofia na Praça.

REFERÊNCIAS

BERBEL NAN. **A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?** Interface: comunic, saúde, educ. [periódico on-line]. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: dia 25 de junho de 2023.

___ NAN. **Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações.** Londrina: Ed INP/UEL; 1999.

BOFF, Leonardo. **O doloroso parto da Mãe Terra: uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social.** – 1. ed- Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

BORDENAVE J.D, PEREIRA A.M.P. **Estratégias de ensino-aprendizagem.** 25a ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2004.

DELISLE R. **Como realizar a aprendizagem baseada em problemas.** Lisboa: ASA Editores II; 2000.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GRACIANI, Maria Stela Santos. Pedagogia social: impasses, desafios e perspectivas em construção. *In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL*, 1. ed. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100038&script=sci_arttext acesso dia 26 de junho de 2023.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre Inventou. Relatos de um viajante educador** FRAITAS Hélia. tradutora. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Coleção Educação: Experiência e Sentido 2013.

LIMA, T.R.F. Rocha Marcelo Augusto. **A trilha e o trilho da Educação Intercultural**. In Léia Aparecida, Sérgio Aparecido Nabarro: Osmar Fabiano de Souza Filho; Karoline Oliveira Santos; Ramon Guerine Cândido (org) tendências da pesquisa em Geografia. Epistemologia e Ensino de Geografia 1ed. Londrina: formato eletrônico. v. 2. p. 265-287. 2022.

PRATES, M. H. O. **Escola de Aperfeiçoamento: teoria e prática na formação de professores**. *In: Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação*. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais. Secretaria da Educação, 2000.

PORTAL CARTA DA TERRA BRASIL. **A Carta da Terra em Ação**. Disponível em: <http://www.cartadaterrabrasil.com.br/prt/index.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.